



Piá 21

Este caderno é parte integrante do informativo Eco da Tradição



Nº 142
Junho de 2013

O caderno Piá 21 é publicado mensalmente junto ao jornal Eco da Tradição, sob a responsabilidade da Vice-Presidente de Cultura do MTG - Neusa Marli Bonna Secchi

LITERATURA NO RIO GRANDE DO SUL

“Parte IV”

Literatura Oral

Pessoas em todos os tempos e lugares tem contado histórias. Na tradição oral, a narrativa inclui o narrador e a audiência. O narrador cria a experiência, enquanto a audiência depreende a mensagem e cria imagens mentais pessoais a partir das palavras ouvidas e dos gestos vistos. Nesta experiência, a audiência se torna co-criadora da arte.

A literatura oral é uma forma de arte improvisacional por vezes comparada à música. Geralmente, um narrador não memoriza um conjunto de textos, mas aprende uma sequência de incidentes “roteirizáveis” que formam um arco narrativo satisfatório (uma trama) com um início, meio e fim distintos. O narrador visualiza os personagens e cenários e então improvisa o fraseado. Por conseguinte, nunca duas narrativas de uma mesma história oral serão exatamente iguais.

Continuaremos vendo os diversos tipos de textos que constituem o patrimônio oral.

Ditos

Entre as frases-feitas e os provérbios, há alguns termos também conhecidos como “ditos”. São em geral, sentenças. Entretanto, estas sentenças não se enquadram perfeitamente entre os provérbios e são pouco mais do que frases-feitas. Os ditos em geral revelam uma comparação, identidade de estado:

- Apertado como rato em guampa
- Pior do que pé com calo em sapato novo
- Filha da onça nasce com pintas que nem a mãe
- Quem por gosto corre não se cansa
- Cambuca de pimenta não perde o azedume
- Mexe mais do que cachimbo em boca de velha
- Contento que nem barata em bico de galinha
- O boi faz força e o carro geme
- Em burro velho não se põe freio pequeno
- Em cavalo corredor, cabresto curto

Disparates

Os disparates são frases-feitas, ditos desarrazoados, credenciadores da falta de nexos entre o assunto em tela. Na conversa, o disparate tem a função de deixar óbvio que uma determinada coisa tem a ver com outra. Alguns disparates:

- Que é que tem a ver as ceroulas com as calças?
- Quem tem urubu com a luta da Maria?
- Que importa ao pires se o bebedor de café tem ou não bigodes?
- Que tem a ver a água do joelho com a seca do Ceará?

Frases feitas

- Por dá cá essa palha
- No dia de São Nunca
- Não sou pau de amarrar égua
- Segurando vela
- Na batata
- Isto tem dois V (vai e volta)
- Um pé lá e outro cá
- Pés em duas canoas
- Pau de dois bicos
- Ter as costas largas
- Jogar verde para colher maduro
- Ter as costas quentes
- De fio a pavio
- De cabo a rabo
- De céu em céu
- À queima bucha
- À queima roupa
- Coió sem sorte
- De mãos abanando
- Com o rabo entre as pernas
- Água no bico

A produção e aplicação pedagógica do Caderno Piá 21 é responsabilidade da

Profª Maria Arita Madruga Garcia

Graduada em Matemática pela Universidade Católica de Pelotas

Mestre em Meteorologia pela Universidade Federal de Pelotas

Professora da rede estadual de ensino

Loja da Fundação

Aqui tu encontra
livros,
bombachas,
camisetas,
camisas,
botons,
pastas,
bombas,
cds, dvds e muito mais

Visite nossa loja
ou faça sua encomenda
por telefone ou e-mail

R. Guilherme Schell, 90
Bairro Sto. Antônio - Porto Alegre/RS

(51) 3223.5194

www.mtg.org.br
lojafcg@mtg.org.br



LIVROS DA
BIBLIOGRAFIA



Lançamentos



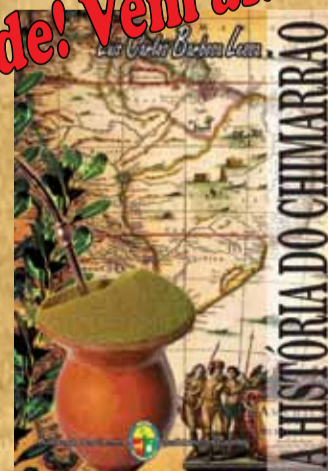
BOMBACHAS

Erva - Mate
Chimarrão
Gaúcha da Serra

Erva-Mate
Selo MTG

R\$ 6,00

Aguarde! Vem aí...



De Segunda a Sexta

Das 9h às 12h - Das 13h às 18h

Remetemos os produtos para todo o Brasil



- Água morna
- Levantou com o pé direito
- Levantou com o pé esquerdo
- Ir pro país dos pés juntos
- Lengalenga que não resolve
- A hora que a porca torce o rabo
- A hora da onça beber água
- Meter os pés pelas mãos
- Ir com o calcanhar pra frente.

Pragas

Dentre as frases-feitas, necessário é que se destaquem aquelas que revelam um mau desejo, uma atitude de raiva, de rancor ou de inveja – as pragas. Não é xingação com palavras de baixo calão. A praga é imprecação de que males recaiam sobre o desafeto. As pragas nem sempre são rodadas no olho a olho, mas “pelas costas”. Nas comunidades, as pessoas que costumam praguejar são muito conhecidas e postas de quarentena: “Fulana tem uma boca ruim, praga que ela roga pega mesmo”.

Há muita crendice ligadas às pragas. O rogado de pragas é mais temido do que o blasfemo, do que aquele que vive proferindo palavrões. Há as pragas mais brandas: “Ora vá pro inferno!”

Quadrinhas

É a forma lírica mais comum entre o povo; foi também utilizada por poetas de renome. Composta por quatro versos, a rima surge geralmente no 2.º e 4.º versos, sendo os outros dois versos sem rima. A quadra popular pode ser composta por uma única estrofe ou por várias.

Você me mandou cantar
Pensando que eu não sabia
Pois eu sou que nem cigarra
Canto sempre todo dia.

Lá no fundo do quintal
Tem um tacho de melado
Quem não sabe cantar verso
É melhor ficar calado.

Você ontem me falou
Que não anda nem passeia
Como é que hoje cedinho
Eu vi seu rastro na areia?

Voa, voa, passarinho
Se tu já queres voar;
Os pezinhos pelo chão
E as asinhas pelo ar.

Escrevi teu belo nome
Na palma da minha mão,
Passou um pássaro e disse:
- Escreve em teu coração.

Como duas andorinhas
Numa tarde de verão,
Seremos sempre amigos,
Amigos do coração.

Quem quiser saber meu nome
Dê uma volta no jardim
Que o meu nome está escrito
Numa folha de jasmim.

Fui fazer a minha cama
Me esqueci do cobertor
Deu um vento na roseira
Encheu minha cama de flor.

Sou pequenina
Criança mimosa

Trago nas faces
As cores da rosa.

Sou pequenina
Da perna grossa
Vestido curto?
Papai não gosta.

Batatinha quando nasce
Esparrama peplo chão
Meu benzinho quando dorme
Põe a mão no coração.

Aproveita minha gente
Aproveita e não demora
Que a laranja está acabando
Que meu carro já vai embora.

Sou pequenininho
Do tamanho de um botão
Carrego papai no bolso
E mamãe no coração.

Passarinho, passarinho
Que canta no meu jardim,
Não o prendo amiguinho,
Cante bem perto de mim

As estrelas nascem no céu
Os peixes nascem no mar
Eu nasci aqui neste mundo
Somente para te amar!

Como duas andorinhas
Numa tarde de verão,
Seremos sempre amigos,
Amigas do coração.

Parlendas



Parlendas são aquelas canções infantis de pequenos versos, palavras ou expressões de pronúncia difícil muito utilizada em brincadeiras de rodas e que são passadas de gerações, através da oralidade. As parlendas ajudavam as crianças a serem mais criativas, desinibidas, inteligentes, além de desenvolver sua dicção e aprendizagem geral.

Muitas parlendas são usadas em jogos para melhorar o relacionamento entre os participantes ou apenas por diversão.

Uni, duni, tê
Uni, duni, tê,
Salamê, mingüê,
Um sorvete colorê,
O escolhido foi você!

Rei, capitão,
Soldado, ladrão.
Moça bonita
Do meu coração

Fui à feira
Fui à feira comprar uva.

Encontrei uma coruja,
Pisei no rabo dela.
Ela me chamou de cara suja

Dedo mindinho,
Seu vizinho,
Pai de todos,
Fura bolo,
Mata piolho.

Meio dia,
Panela no fogo,
Barriga vazia.
Macaco torrado,
Que vem da Bahia,
Fazendo careta,
Pra dona Sofia
Fui andando pelo caminho.
Éramos três,
Comigo quatro.
Subimos os três no morro,
Comigo quatro.
Encontramos três burros,
Comigo quatro.

Andô lê tá,
Lê com i,
Lê com a,
Lê café com chocolá,
Andô lê tá.
Puxa o rabo do tatu,
Quem saiu foi tu.
Puxa o cabo da panela,
Quem saiu foi ela.
Barra, berra, birra, borra, burra

Entrou pela perna do pato,
Saiu pela perna do pinto.
O rei mandou dizer
Que quem quiser
Que conte cinco:
Um, dois, três, quatro, cinco

Um, dois, feijão com arroz
Três, quatro, pé de pato
Cinco, seis, molho inglês.
Sete, oito, café com biscoito
Nove, dez, lava os pés

Pisei na pedrinha,
A pedrinha rolou
Pisquei pro mocinho,
Mocinho gostou
Contei pra mamãe
Mamãe nem ligou
Contei pro papai,
Chinelo cantou.

Amanhã é domingo
Do pé do cachimbo
Cachimbo é de ouro
Que deu no besouro
Besouro é de prata
Que deu na barata
Barata é valente
Que deu no tenente
Tenente é malvado
Que deu no soldado
Soldado é malino
Que deu no menino
Menino é fraco
Caiu no buraco
Buraco é fundo
Acabou-se o mundo.

Cadê o chouriço que estava aqui?
O gato comeu.
Cadê o gato?
Fugiu pro mato?
Cadê o mato?



O fogo queimou.
Cadê o fogo?
A água apagou.
Cadê a água?
O boi bebeu.
Cadê o boi?
Tá carregando trigo.
Cadê o trigo?
A galinha comeu.
Cadê a galinha?
Tá pondo ovo.
Cadê o ovo?
O frade comeu.
Cadê o frade?
Tá celebrando a missa.
Cadê a missa?
Tá na igreja.
Cadê a igreja?
Tá cheia de gente.
Cadê a gente?
Tá qui! Tá qui! Tá qui! Tá qui!!!

Trava-línguas



Trava-língua é uma espécie de jogo verbal que consiste em dizer, com clareza e rapidez, versos ou frases com grande concentração de sílabas difíceis de pronunciar, ou de sílabas formadas com os mesmos sons, mas em ordem diferente. Os trava-línguas recebem essa denominação devido à dificuldade que as pessoas enfrentam ao tentar pronunciá-los sem tropeços, ou, como o próprio nome diz, sem "travar a língua". Além de aperfeiçoarem a pronúncia, servem para divertir e provocar disputa entre amigos.

- O rato roeu a roupa do Rei de roma,
a rainha com raiva resolveu remendar.

- Não confunda
Ornitorrinco com
Otorrinolaringologista,
Ornitorrinco com ornitologista,
Ornitologista com
Otorrinolaringologista.

Fia, fio a fio , fino fio, frio a frio.

Gato escondido com rabo de fora
tá mais escondido que rabo escondido com gato
de fora.

O que é que Cacá quer?
Cacá quer caqui.
Qual caqui que Cacá quer?
Cacá quer qualquer caqui.

Três tigres tristes para três pratos de trigo.
Três pratos de trigo para três tigres tristes.
Tecerão tece o tecido
Em sete sedas de São
Tem sido a seda tecida
Na sorte do tecelão.

O doce perguntou pro doce
Qual é o doce mais doce

Que o doce de batata-doce.
O doce respondeu pro doce
Que o doce mais doce que
O doce de batata-doce
É o doce de doce de batata-doce.

A aranha arranha a rã.
A rã arranha a aranha.
Nem a aranha arranha a rã.
Nem a rã arranha a aranha.

A babá boba bebeu o leite do bebê.

Se cada um vai a casa de cada um
é porque cada um quer que cada um lá vá.
Porque se cada um não fosse a casa de cada um
é porque cada um não queria que cada um fosse lá.

Há quatro quadros três e três quadros quatro.
Sendo que quatro destes quadros são quadrados
um dos quadros quatro e três dos quadros três.
Os três quadros que não são quadrados,
são dois dos quadros quatro e um dos quadros três.

A Poesia no Rio Grande do Sul

O Regionalismo é uma subcorrente do Romantismo, movimento que derrubou, ainda no século passado e no mundo, todos os padrões do Classicismo.

O Regionalismo gauchesco, na poesia, começou com Bernardo Taveira Júnior, com suas "Provincianas" (1874) e Múcio Teixeira, com suas "Flores do Pampa" (1872), ambos já pertencendo ao movimento porto-alegrense, de cunho regionalista, chamado Partenon Literário, de junho de 1868, em plena Guerra do Paraguai. Antes deles, além, é claro, das poesias folclóricas, só o Soneto Monarca, de Caldre e Fião.

Na poesia no século XX aparecem Manoel do Carmo ("Cantares da Minha Terra"), Ramiro Barcelos ("Antônio Chimango"), Vargas Neto, Pery de Castro, Manoelito de Ornelas, Augusto Meyer, Waldemar Correia, José Figueiredo Pinto, Balbino Marques da Rocha, Aureliano de Figueiredo Pinto, Juca Ruivo, Lauro Rodrigues, Glaucus Saraiva, Horácio Paz, Waldomiro Souza, Cyro Gavião, João Palma da Silva, Silvio Duncan, Lacy Osório, Jayme Caetano Braun, Apparicio Silva Rillo, Mozart Pereira Soares, José Hilário Retamozo, entre outros. Destacamos abaixo, alguns dos principais poetas do século XX:

Vargas Neto

Manoel do Nascimento Vargas Neto nasceu em São Borja em 30 de janeiro de 1903. Advogado, Deputado Federal e Procurador do Estado do Rio de Janeiro. Foi Presidente de Honra da Estância da Poesia Crioula e Membro Efetivo da Academia Rio-grandense de Letras. Foi considerado o Príncipe dos Poetas Tradicionalistas.

Consta que Tropicilha crioula foi escrito por Vargas Neto no início da década de 1920, quando era estudante de Direito em Porto Alegre.

Para Darcy Azambuja, Tropicilha crioula "preencheu, a tempo e com glória, a lacuna que se lamentava em nossa produção literária", já que desde Amaro Juvenal, e apesar da grande fase de florescimento "em todas as províncias literárias, a poesia regional estancara". Na visão do ex-colega de tertúlias e mateadas, Vargas Neto "fez renascer a poesia regional rio-grandense, a poesia campeira". Vargas Netto escrevia os poemas sentado numa cadeirinha baixa, usando um caixão como escrivaninha. Lembra um desses poemas, Chimarrão, que integraria Gado Xucro:

Chimarrão!
Desculpa boa pra eu apertar os dedos da chinoca,
quando, horas a fio,
ela me alcança esse amargo, que é tão doce!...

Companheiro do rancho e do crioulo,
esquecimento e prazer!
Vício que é remédio do campeão...
amargo que derrete as amarguras...
meu amigo também!...

Ele e a canha,
quando a solidão fez o gaitero,
inventaram o índio vago e o desafio.
Hoje é o melhor protetor dos namoros do pago...
Quanto beijo transmite sem querer!...

Quando ela toma um gole antes de mim,
e deixa a boca como uma flor colorada
na haste branca da bomba
e fica assim... sem dizer nada...
Depois, que mate bom!...

Cada trago teu que eu vou sorvendo,
parece que me cai na alma,
me lavando as mágoas,
me adoçando as penas,
mate amargo!

À época em que esses versos teriam sido escritos, os galpões literários rio-grandenses se agitavam com polêmicas entre "passadistas" e "modernistas". Do Uruguai chegava a experiência do nativismo, procurando revitalizar a matriz gauchesca da poesia, renovando a temática e incorporando as conquistas das vanguardas europeias, entre as quais o verso livre. Vargas Neto começa a recolher essas inovações, ao mesmo tempo em que escreve sonetos à maneira parnasiana, como Gaúcho, dedicado a Eduardo Guimarães, um dos poetas gaúchos mais representativos de todos os tempos:

Perambulando pelo pampa enorme,
Para ânsias de amplidão satisfazê-las,
Vive a correr, no seu corcel, conforme,
O pampeiro das lendas e novelas...

O gaúcho, por entre a massa informe
Dessas campinas, verdes, amarelas,
Se a noite o pega, no deserto dorme
Coberto pelo poncho das estrelas...

É portador dum ar de quem domina.
Seu sangue forte vibra e rumoreja,
Ao troar da pistola ou da clavina.

Quando à morte, a garrucha aperta e beija,
E morre revivendo na retina
A epopéia crioula da peleja.

Vemos, nesse poema, a inovação nativista, ao abandonar estrutura métrica (redondilha maior) e estrófica (o mesmo número de versos em casa estrofe), quebrando a tradição da gauchesca. A tradição formal, porém, é mantida em alguns poemas desse primeiro livro, como em Causa Velha, dedicado a Flores Pinto:

Você pensa que é mentira,
Mas eu le digo que não,
Ouvindo falar nos pagos
Sinto dor no coração.

Diz que não chora o gaúcho,
Pois eu le garanto agora,
Fale dos pagos distantes
Vamos ver se ele não chora.

Quando me lembro, la pucha,
Da china que deixei lá,
Sinto um repucho por dentro
Que nem sei o que será.

É como um tirão "de atrás",

